

Educação second Nietzsche: proposals of a philosophy for life

Resumo:

O presente artigo é um breve apanhado da crítica de Nietzsche sobre o sistema educacional alemão de sua época que ao invés de possibilitar o desenvolvimento integral do homem com valores que promovessem o amor à vida e a elevação cultural, foi responsável por promover uma espécie de mediocrização do indivíduo. Para esse propósito, utilizamos como base o livro *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche como ponto central desta discussão. A partir deste processo, entendemos a filosofia nietzschiana como uma espécie de rota para o ensino de filosofia, ou seja, uma educação de valorização da vida. Assim, na crítica do modelo educacional e a proposta da educação à vida de Nietzsche podemos comparar à educação atual, visando tanto a crítica quanto a real ideia de educar para a vida.

Palavras-chave: Nietzsche. Educação. Vida.

Abstract:

This article is a brief review of Nietzsche's criticism of the German educational system of his time that, instead of allowing the integral development of man with values that promoted the love of life and cultural elevation, was responsible for promoting a kind of mediocrity of the individual. For this purpose, we use Nietzsche's book "Thus Spake Zarathustra" as the focal point of this discussion. From this process, we understand Nietzsche's philosophy as a kind of route for teaching philosophy, that is, an education that values life. Thus, by criticizing Nietzsche's educational model and proposal of education for life, we can compare it with current education, pointing to both the criticism and the real idea of educating for life.

Keywords: Nietzsche. Education. Life.

1. INTRODUÇÃO

No contexto de Nietzsche, a Alemanha do século XIX passava por grandes transformações. Por um lado, ele percebe a maneira cultural que seu país estava, e de outro a crença de que existe uma verdadeira cultura, que tinha crédito entre os intelectuais de sua época da qual difundia a crença numa cultura verdadeira. Na verdade, eram apenas imitadores da cultura francesa,

pois, agiam de tal forma que absorviam os costumes e hábitos alheios, a arte a forma de ser deles, são apenas consumistas, pois não desenvolveram a capacidade de criar uma verdadeira cultura.

É assim que, esse artigo visa apontar como Nietzsche percebe esse movimento dentro da educação alemã, demonstrando a sua crítica e ideia de revalorização da vida. A partir dessa percepção, dividimos em dois

1. Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: clebemss@yahoo.com.br

2. Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual de Val do Acaraú (UVA). E-mail: carlavictor2009@gmail.com

momentos: um, na contextualização da cultura e educação alemã e uma outro de proposta filosófica de educação em Nietzsche.

Não posso deixar de introduzir aqui uma digressão. Depois da última guerra com a França, muitas coisas se transformaram ou mudaram de valor na Alemanha e é evidente que dessa guerra resultaram algumas exigências novas a respeito da cultura alemã. Essa guerra foi para muitos a primeira viagem ao país da elegância, ora, que há de mais belo que a desenvoltura do vencedor que não deixa de aprender do vencido um pouco de cultura? Lembra-se sem cessar às artes decorativas alemãs que devem rivalizar com seus vizinhos mais instruídos, (...) chegou-se até a inventar o sábio alemão elegante e agora deve-se esperar que tudo aja até o momento presente não se tenha realmente curvado a essa regra da elegância - a música alemã, a tragédia e a filosofia - será banido como algo não alemão (NIETZSCHE, 2008, p. 73).

2. CRÍTICA DE NIETZSCHE À EDUCAÇÃO ALEMÃ

Nietzsche percebe, dentro da cultura alemã, uma espécie de filisteísmo, o qual o Reich de Bismarck se orgulhava pela promoção de uma falsa cultura baseada no poder e no exagero do orgulho alemão, gerado pelo nacionalismo. Nesta mesma época, cresce o espírito nacionalista, em que Nietzsche critica severamente este espírito ilusório que estava se formando na Alemanha. Por sua vez, ele se opõe ao antisemitismo e a uma política que tinha ideais de ressentimento que discriminava e causava o racismo, e os interesses de alguns políticos que se utilizavam destes fatos para se promoverem.

Para Scarlett Marton a concepção de Nietzsche sobre a política da cultura filisteia se refere, principalmente, a falta de autenticidade e a imitação, ao consumo de uma cultura que não cria seus próprios valores. Em suas palavras,

Nietzsche entende que os 'filisteus da cultura' representam o contrário dos homens verdadeiramente cultos. Incapazes de criar, limitando-se à imitação e ao consumo. Mas, em toda parte, deixam sua marca; organizam as instituições e os estabelecimentos de ensino. Por obras deles, a cultura torna-se venal. Objeto de possíveis relações comerciais submetese às leis que regem a compra e a venda. Produto a ser consumindo; deve ter uma etiqueta e um preço. Transformando em mercadoria, converte-se em máscara, engodo (MARTON, 1993, p.18).

Desta forma, podemos perceber como está inserida a cultura alemã no contexto de grandes transformações. A produção neste campo está a serviço não de um espírito de cultura, mas de algo vendável, não de elevação do espírito humano, mas dominado pelas leis que regem o mercado consumista. A arte ou as produções artísticas são produzidas como mercadorias que são oferecidas aos seus clientes, que fazem uso delas como objetos de satisfação meramente capitalistas.

Assim, a cultura que Nietzsche critica é essa que cria pessoas para o serviço do Estado, ser um professor e educar os futuros servos do Estado. Por isso, a necessidade de uma formação universitária teria que ser rápida para que os mesmos possam ingressar como serviçais, no fundo existe uma ambição exagerada do indivíduo e do Estado para fazer do ser um amante do lucro e ao, mesmo tempo, o sistema proporciona meios de consumo para que o indivíduo fosse reduzido por estes a bens culturais. Desta forma, o filósofo denuncia a falta de autenticidade da cultura não pela ausência da diversidade cultural, mas de como os alemães tão orgulhosos, honrosos pelas glórias militares, pela filosofia, pelo renome de grandes filósofos, usufruíam e se apropriavam da cultura de outros, desfigurando a verdadeira cultura alemã. De acordo com Nietzsche:

Não posso deixar de introduzir aqui uma digressão. Depois da última guerra com a França, muitas coisas se transformaram ou mudaram de valor na Alemanha e é evidente que dessa guerra resultaram algumas exigências novas a respeito da cultura alemã. Essa guerra foi para muitos a primeira viagem ao país da elegância, ora, que há de mais belo que a desenvoltura do vencedor que não deixa de aprender do vencido um pouco de cultura? Lembra-se sem cessar às artes decorativas alemãs que devem rivalizar com seus vizinhos mais instruídos, (...) chegou-se até a inventar o sábio alemão elegante e agora deve-se esperar que tudo aja até o momento presente não se tenha realmente curvado a essa regra da elegância - a música alemã, a tragédia e a filosofia - será banido como algo não alemão (NIETZSCHE, 2008, p. 73).

A crítica às instituições que promovem a arte da Europa (supostamente a casa ou berço onde se realizava a cultura) desenvolve a proposta de uma renovação cultural, pensada por Nietzsche e via na filosofia de Schopenhauer e na música de Wagner possibilidades de um anúncio da verdadeira cultura, desligando dos "filisteus² da cultura". No entanto, o projeto de Nietzsche de uma renovação juntamente com o compositor

Wagner é cessado quando ele percebe que o projeto deste com a criação do Festspielhaus³, era mais uma sala de espetáculo que desqualificava o projeto por ele idealizado.

O drama musical wagneriano revela-se mais uma representação teatral. O público artista é mais um público ávido de prazer e de diversão. A obra de Wagner oferece-se como mais uma mercadoria de luxo. "O revolucionário social" traveste-se em artista consagrado por uma sociedade mediocre. Acalentado pela glória, o compositor cercado de admiradores de toda sorte. Recebe os aplausos unânimes de personalidades da política, mulheres elegantes, hegelianos, nacionalistas, schopenhauerianos, anti-semitas. Não há como resistir à magia niveladora da maioria. A obra do mestre torna-se objeto de uma nova seita (MARTON, 1986, p.36).

Sendo assim, não esperando muito de Wagner, Nietzsche se decepciona por existirem contradições nos escritos do compositor e o que ele expressava nos dramas da Teatrolgia. Além disso, uma revista começa a circular entre os wagnerianos: Folhas de Bayreuth. "Essa publicação nada tem a ver com o projeto inicial, de que Nietzsche participara. Funciona como canal de pangermanismo (...)" (MARTON, 1986, p.39), deixando Nietzsche mais desapontado ainda, pois além de se tratar do exagero do germanismo, trata também das desigualdades das raças, antissemitismo e elementos da doutrina cristã. Todos estes aspectos foram introduzidos no projeto wagneriano e que Nietzsche almejava foi fracassado fazendo romper com o compositor e dá os primeiros passos para ser "um espírito livre", e seguir seus próprios ideais.

O modelo educacional da Alemanha da época de Nietzsche se encontra em profunda mudança social devido à unificação do Estado alemão. Neste período, acontecem até mesmo insurreições internas populares contra o sistema vigente. Dos trinta e nove estados alemães a Prússia toma liderança que idealiza como um processo de unificação, e desta forma provoca a guerra, "forja o aparecimento de um inimigo externo comum a todos" (MARTON, 1993, p.17), encontra como

inimiga a França a qual declara guerra, e assim a Prússia se impõe sobre os demais estados alemães.

Para se manter unânime com o seu processo de unificação com os estados alemães a Prússia vê-se obrigada a fazer uma uniformização da cultura e dos estabelecimentos de ensino para superar as diferenças de cada Estado. Com a ascensão da industrialização é necessário o aprimoramento especializado de funcionários, que garantissem o trabalho específico das necessidades das grandes indústrias. Surge assim, para suprir a demanda das indústrias às escolas especializadas para a formação técnica dos alunos. A qual a educação passa a ser não para a promoção do indivíduo, mas para a técnica e o desejo de trabalho para aquisição de lucros. Aos poucos Nietzsche vai percebendo nesta cultura uma forma dissociada do verdadeiro sentido da educação que é formar indivíduos não para a técnica, mas para a vida e a elevação do espírito humano.

O processo educacional da Alemanha entra neste espírito gregário, os jovens estudam e acumulam conteúdo, mas continua com uma postura acritica diante da realidade que estão vivendo, sendo submetidos a engolir conteúdos e disciplinas, favorecendo o papel de dominação do Estado sobre o estudante, criando bons cidadãos devotos à nação, e o encorajamento que o jovem tem diante das verdades úteis a vida é reprimido pelo poder estatal, que manifesta sua alienação aos seus futuros servidores, ou seja, ele está preocupado com os seus próprios interesses. Por isso, o ensino de filosofia tão útil e favorável ao estudante para fazer pensar estimular e criar um juízo de valor sobre a realidade e sobre a vivência é desvalorizado e dissimulado para que os estudantes não tenham interesse filosófico e nem construam juízos contrários ao espírito gregário.

O Estado nunca se preocupa com a verdade, a não ser com aquela que lhe é útil- mais precisamente ainda, ele se preocupa com tudo o que lhe é útil, verdade, meia verdade ou erro. A aliança entre o Estado e a filosofia só tem sentido, portanto, se a filosofia puder se empenhar em servir o Estado sem condições, isto

3. A palavra "filisteu" era empregada nos meios universitários. Servia para designar aqueles que, estritos cumpridos das leis e dedicados executores dos deveres, execravam a liberdade gozada pelos estudantes. O "filisteu" era uma personagem de bom senso, inculta em questões da arte e crédula na ordem natural das coisas. Usava o mesmo raciocínio para abordar as riquezas culturais. Heine diria que essa personagem pesava, em sua balança de queijos, o gênio, a chama e o imponderável. Há muito, os acadêmicos e os críticos de arte e literatura estariam trilhando o mesmo caminho: usavam como critério de avaliação essa "balança de mercadores": os "filisteus da cultura", além de não serem cultos, têm a ilusão de sê-lo. Incapazes de criar, limitam-se a imitar ou consumir. (MARTON, 1986, p.32.)
3. Festspielhaus é um projeto um teatro idealizado por Wagner o qual tem a pretensão de fazer deste espaço um momento favorável para efetivar a verdadeira cultura alemã, de expressão artística.

é, colocar o interesse do estado acima da verdade. Certamente, para o estado seria um golpe de mestre assumir a filosofia a ser serviço e a pagamento, mas sabe muito bem que é da própria natureza da filosofia jamais se pôr a serviço, nunca se deixar assalariar. Por isso o que obtém nunca é senão uma "falsa" verdade, uma figura mascarada, e este não pode infelizmente fazer tampouco o que ele tanto deseja obter da verdade verídica: sua única legitimação e satisfação (NIETZSCHE, 2008, p.106).

Não obstante, em vez de a Filosofia libertar o sujeito dos entrelaçamentos do espírito gregário, ela se torna mero instrumento de dominação que não tem particularmente preocupação com a verdade, mas sim com seus interesses de fortificar um Estado em que muitos fazem cumprir as leis sem um prévio questionamento se lhe são favoráveis, ensina-se Filosofia nas universidades não para despertar o senso crítico dos estudantes, não ensinam os métodos críticos, pois seria um veneno para o Estado, mais uma espécie de Filosofia mascarada dissociada da vida, criando repugnância nos estudantes por parte deste ensino, e fazendo que os mesmos criem um mau gosto pela Filosofia, os universitários são educados para não para ter uma opinião própria, mas para a prova.

E, finalmente, no mundo inteiro: em que a história da filosofia interessa nossos jovens? Queremos desencorajá-los a ter opinião pessoal, ao lhes mostrar um amontoado confuso de todas as opiniões? Queremos ensinar-lhes a se juntar a um conceito de louvores em honra das belas coisas que realizamos? Queremos que aprendam a odiar ou a desprezar a filosofia? Seríamos tentados a acreditar nisso quando sabermos a que martírio os estudantes devem se submeter no momento de seus exames de filosofia, para fazer entrar em seus pobres cérebros as ideias mais loucas e mais extravagantes, juntamente com os mais elevados e mais abstrusos que o espírito produziu. Nunca ensinamos nas universidades o único método crítico e a única prova que podemos aplicar a uma filosofia, a que consiste em perguntar se podemos viver segundo os princípios dela; nas universidades só ensinamos a crítica das palavras pelas palavras (NIETZSCHE, 2008, p.101).

Esse espírito de desinteresse dos universitários pela filosofia se deve à falta de compromisso das universidades de não se abrirem a desenvolver o espírito crítico, o ensino da filosofia resume no repasse da história desvinculada da vida e da experiência existencial para a investigação etimológica, e a busca de pensamentos, que não corresponde à maneira de viver atual. Desta forma, Nietzsche percebe que o filósofo universitário nada mais é do que um professor de história disfarçado

de filósofo. Contudo, este compromisso com o Estado leva ao descompromisso com a filosofia, fazendo dela apenas vínculo como meio de trabalho para aquisição de lucro e não como compromisso com a verdade.

Portanto, a proposta pedagógica de Nietzsche sobre a educação é sair do espírito gregário da moral vigente e construir seus próprios valores e questionar a validade dos valores, se realmente eles são úteis à vida, e criar instituições que favoreçam os indivíduos, não a mera contemplação da história da filosofia, mas uma educação para a vida.

3. PROPOSTAS DE NIETZSCHE SOBRE A REAL EDUCAÇÃO

Por conseguinte, a fé no além-morte criou um homem de esperança o que deposita mais vontade na morte que se configura como plenitude ou realização do ser humano em contato com o transcendente do que na afirmação da vida como vontade de potência. Ao contrário, toda esta tradição ocidental foi marcada pela decadência e degradação da vontade do homem em função da razão e da fé. Desta forma, os valores que constituíram a civilização ocidental foram baseados em valores e verdades que se distanciaram da vida e da afirmação da vontade de potência, pois as verdades estão ao serviço da vida do homem e não para levá-lo ao nada com verdades já prontas e absolutizadas, enquanto o homem é um criador de verdade, que não se distancia da vida.

Assim, estes homens terão que romper com as estruturas políticas que massificam o indivíduo, o enquadrando em sistemas de dominação que não favorecem a participação do homem no destino da sociedade. Embora os sistemas digam ser democráticos, participativos ou em prol do bem-comum, eles acabam de excluir os indivíduos desta participação, transformando-os em rebanho, seguem os direcionamentos, a ordem de outros o que seria em prol do individual, acaba por fim longe dos interesses dos indivíduos.

Não há escolha: em direção aos espíritos fortes e suficientemente originais para proporcionar os estímulos em favor de avaliações opostas, para reavaliar e inverter "valores eternos"; em direção aos precursores, aos homens do futuro que no presente dão o nó e a coerção que impõe novas veredas às vontades de milênios. Ensinar ao homem o futuro

como sua vontade, como dependente de uma vontade humana, e preparar grandes empresas e tentativas globais de disciplina e cultivo para pôr um fim a esse horripilante domínio da tolice e do acidente que até aqui se tem chamado 'história' (NIETZSCHE *apud* ANSELL-PEARSON, 1997, p. 167).

Os filósofos do futuro serão os precursores de uma política contrária à moral vigente e declararão guerra a tudo que é hostil e decadente. Por isso, Nietzsche critica os sistemas de governo democráticos que criam rebanhos, pois, não há uma valorização particular da ação do indivíduo. Contudo, a preocupação do filósofo do futuro é que não se construa uma política da individualização fechada em si mesma, mas pelo desenvolvimento de uma cultura superior que supere os resquícios da morte de Deus e do advento do niilismo. É uma nova compreensão de valores não inspiradas em doutrinas decadentes, mas, "moldadas pela conjunção da legislação filosófica e do poder político" (ANSELL-PEARSON, 1997, p.162.), por isso, os novos filósofos terão que fazer a reviravolta de todos os valores, sobre uma mudança de perspectiva na compreensão dos valores, o propósito é uma educação para os homens do futuro será a capacidade que os homens tem de serem seus próprios criadores de valores a partir da ótica do artista que cria sua obra a partir do que vê no mundo.

Minha tarefa de preparar para a humanidade um momento de suprema tomada de consciência, um grande meio-dia, no qual ela olha para trás e para a frente, no qual ela fuja do império do acaso e dos sacerdotes e coloque pela primeira vez a pergunta do porquê? do para quê? (...) A pergunta acerca da origem dos valores morais é, por isso, uma pergunta de primeira ordem para mim porque ela condiciona o futuro da humanidade (NIETZSCHE, 2007, p. 106).

Desta forma, a reflexão sobre a validade dos valores é algo inerente ao futuro da humanidade e uma das tarefas mais árduas. Na compreensão de Nietzsche seu projeto político não se enquadra nos parâmetros modernos da reflexão sobre o melhoramento da humanidade, não é tampouco individualista nem coletivista, pois estes dois conceitos são extremistas. O primeiro não se baseia em uma ordem hierárquica e o segundo subestima o indivíduo, negando sua grandeza individual. Então ele não crê na política democrática que

temos nos parâmetros da modernidade, que cria uma falsa ilusão, liberdade para todos, igualdade, mas que na verdade o discurso não condiz com a realidade e há uma massificação do indivíduo em prol da coletividade. No entanto, sua reflexão política se baseia na ideia de uma política aristocrática baseada nos princípios da vida como vontade de poder, tem a vida como centralidade e o princípio básico como forma de crítica a toda forma de poder que massifica. Então, a vida como vontade de potência tem um caráter questionador diante dos sistemas de governo, instituições que massificam os indivíduos.

Contrário a este espírito presente em seu tempo, ou seja, o desenvolvimento do espírito democrático⁴, Nietzsche propõe fazer um resgate histórico do ideal aristocrático que segundo ele serviu para elevar um ideal superior e autêntico do homem de espírito nobre sobre o aspecto animalesco histórico.

Toda elevação do tipo homem foi até o momento, obra de uma sociedade aristocrática – e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala na hierarquia e diferenças de valor entre um e outro homem, e que tem necessidade da escravidão em algum sentido. Sem o *pathos da distância*, tal come nasce da entranhada diferença entre as classes, do constante olhar altivo da casta dominante sobre os súditos (...) (NIETZSCHE, 2005, p. 153).

Em oposição ao ideal de igualdade ele argumentará que uma sociedade que reconhece as escalas hierárquicas e que acredita nas diferenças de valores é um caminho possível para um tipo elevado de homem, reconhecendo a legitimação da vida aristocrática que passa a seus precedentes familiares uma escala baseada em virtudes, legitimando como sendo excepcional a figura do filósofo como expoente "da grande, excepcional individualidade" (GIACOIA, 2005, p. 59). É contra o espírito do nivelamento de que os indivíduos são iguais que Nietzsche contra-argumenta, pois ele reconhece que a sociedade baseada em valores aristocráticos reconhece que cada indivíduo tem seu papel dentro da sociedade de acordo com uma escala de valores. Neste âmbito, ele irá fazer um questionamento sobre o que é o espírito nobre ou, entre outras palavras, o que viria a ser o espírito aristocrático,

4."O desenvolvimento do movimento democrático em direção a formas de igualitarismo cada vez mais radicais, como o socialismo e o anarquismo, é interpretado por Nietzsche como sintoma de que eles são "unânicos na fundamental e instintiva hostilidade contra toda e qualquer outra forma de sociedade que a do 'rebanho autônomo'". É nessa imbricação entre ideologia do igualitarismo uniforme e sua atestação político-religiosa pela moral cristã que se esclarece o significado da figura nietzschiana do 'último-homem'. Para Nietzsche, o projeto político da modernidade, sob a forma da extensão planetária da igualdade democrática como única maneira de legitimação ético-política, constitui não apenas um modo decadente da organização social, mas, mais profundamente, um modo de rebaixamento e mediocrização da humanidade, de autodiminuição de valor do homem "(GIACOIA, Nietzsche & Para Além do Bem do Mal, 2005, p.49)

após ele faz uma breve explanação do que significa este espírito deturpado na modernidade.

- O que é nobre? O que significa hoje para nós a palavra "nobre"? Onde se revela, em que se reconhece, sob o pesado e anuviada céu do incipiente domínio da plebe, através do qual tudo fica opaco e plúmbeo, o homem nobre? – Não são os atos que o apontam – os atos são sempre ambíguos, sempre insondáveis –; também não são as "obras". Entre artistas e eruditos encontram-se muitos que revelam, com suas obras, o quanto um anseio profundo os impele em direção ao que é nobre: mas precisamente este necessitar do que é nobre é radicalmente distinto das necessidades da alma nobre mesma, e inclusive um sintoma eloquente e perigoso da sua ausência (NIETZSCHE, 2005, p.174).

O homem aristocrático grego pensado por Nietzsche era dono de uma faculdade superior, pois tinha a mesma natureza que a divina, embora assumisse essa virtude tornando grande em potencial, ele era inferior no que diz respeito à força. Sendo que o pensamento aristocrático era o mais coerente comparado ao *ágou* grego.

Nietzsche reconhece que na civilização que tem por base o princípio aristocrático, como a dos gregos, reina o respeito às hierarquias como classes reconhecidas como naturais, por isso sua crítica aos ideais de uma democracia liberal que constrói seus paradigmas em cima de ilusões coletivas, deixando ser conduzido como se fosse um rebanho que vai ao matadouro, sendo massificados pelos ideais de igualdade.

As mesmas novas condições em que se produzirá, em termos gerais, um nivelamento e mediocrização do homem - homem animal de rebanho, útil, laborioso, e variamente versátil e apto -, múltipla – são sumamente adequadas a originar homens de exceção, da mais da mais perigosa e atraente qualidade. Pois enquanto essa tal força de adaptação, que está sempre a testar condições combinantes e começa um novo trabalho a cada geração, a cada quase decênio quase, não permite em absoluto a *pujança* do tipo; enquanto a impressão geral desses causada por esses futuros europeus será, provavelmente, a de trabalhadores bastante utilizáveis, múltiplos, faladores e fracos de vontade, *necessitados* do senhor, do mandante, como do pão de cada dia; enquanto a democratização da Europa resulta, portanto, na criação de um tipo preparado para *escravidão* no sentido mais sutil: o homem forte, caso singular e de exceção, terá de ser mais *forte* e mais rico do que possivelmente jamais foi – graças à ausência de preconceitos em sua educação, graças à enorme diversidade de sua

exercitação, dissimulação e arte. Quero dizer que a democratização da Europa é, simultaneamente, uma instituição involuntária para o coletivo de *tiranos* – tomando a palavra em todo o sentido, também no mais espiritual (NIETZSCHE, 2005, p.135).

Contudo, a crítica que Nietzsche faz é à organização do sistema político de sua época, uma espécie de democracia liberal, que era ele uma secularização do cristianismo, pois assume posturas típicas como o aspecto doutrinário, como o culto à compaixão, a passividade política, não percebendo que essas características são semelhantes aos valores que deram início ao percurso e ao advento do niilismo. Mas a política é um espaço para a luta e a confirmação de interesses, não mera aceitação do que se vive por imposição e ilusão de uma política que aniquila e massifica as ações do indivíduo.

Após o anúncio da morte de Deus e o vazio provocado pelo niilismo a civilização ouvirá falar de uma grande novidade trazida pela boca de Zaratustra, que após anos de isolamento desce para a humanidade para anunciar a superação do homem, o anúncio provocador do profeta causa espanto nos homens que desconhecem suas propostas extramoriais.

Eu vos apresento o Super-homem! O Super-homem é o sentido da terra! Diga a vossa vontade: seja o Super-homem o sentido da terra. Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e não acreditar em quem vos fala de esperanças supraterestrres. São envenenadores, quer o saibam ou não. Não dão o menor valor à vida, moribundos que estão por sua vez envenenados, seres de que a terra se encontra fatigada; vão se de uma vez! (NIETZSCHE, 2008, p.26)

A humanidade ensinou os homens a desprezar a terra pela justificativa que existe a vida além-terra, e os homens aprenderam a desprezar a existência terrena, o ensino que provem pela boca de Zaratustra no anúncio do super-homem⁵ é a valorização da vida terrena, superar o humano que favoreceu o declínio da humanidade para a afirmação do super-homem, pois a partir da aprendizagem do que é o super-homem é que se aprende o que é o homem, que por sua vez sai dos preceitos de conservação do homem para ultrapassá-lo. Assim aqueles de espírito fraco e decadentes, devem ser superados, esta nova espécie de homem não é fundamentada numa condição superior modificada, ou biologicamente adaptada a padrões técnicos científicos, ou superada pela seleção natural da evolução das espécies, mas é o homem que

5. As aulas remotas aqui referidas se trata daquelas ministradas através de uma sala de aula virtual, via internet, em virtude do contexto pandêmico de 2020 e 2021.

sabe organizar o caos de sua existência a partir de uma perspectiva nova.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, segundo Roberto Machado, o novo homem é a própria superação da padronização e da moralidade. "Super-homem é todo aquele que supera as oposições terreno-extraterreno, sensível-espiritual, corpo-alma; é todo aquele que supera a ilusão metafísica do mundo do além e se volta para a terra, dá valor à terra. Neste sentido, super-homem é superação, ultrapassagem" (MACHADO, 1997, p.46).

De forma que todas as ideias da antiga civilização cristã sejam superadas, é um novo modo de pensar, sentir e de experimentar a vida. Por isso, que ele é o sentido da terra, mas que só é sentido, enquanto for rumo a ser seguido, caso não seja deixa de ser. Mas, o sentido do homem e da terra só depende dele se fizer deste ideal uma proposta de vida que depende inteiramente da escolha individual de cada homem, ou seja, é uma das possibilidades ao homem.

Dentro desta perspectiva, refletimos sobre a educação como ponto de superação do homem, na medida em que o professor de filosofia identifica seu papel essencial na vida dos discentes. Nesse caso, diante do cenário de vivência de cada aluno, o docente precisa educar sem pretensões, buscando a valorização da vida. Em outras palavras, a educação filosófica precisa visar o ensino à vida, entendendo o aluno não como uma pessoa que vai à academia, mas que terão um leque de opções de experiências sem ser acadêmica. Entendendo isso, podemos educar, bem como Nietzsche nos ensina, para a vida.

6. "A palavra 'Super-homem' que determina um tipo de altíssima perfeição, em sentido oposto aos homens "modernos", aos homens 'bons', aos 'cristãos' e aos demais nihilistas – palavra esta que na boca de um Zarathustra, o destrutor da moral, assume uma significação sobremodo grave – foi compreendida quase sempre com perfeita candura, no sentido daqueles valores cujo oposto se afirmou na figura de Zarathustra; fizeram eles o tipo 'idealista' de uma espécie superior do homem, meio 'santo', meio "gênio"... Outros sábios corníferos, por causa desta palavra, consideram-me darwinista" (NIETZSCHE, 2007, p.69).

REFERÊNCIAS

GIACOIA, Oswaldo Junior. **Nietzsche & Para além do Bem e Mal**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

MARTON, Scarlett. Nietzsche: uma filosofia a marteladas. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Nietzsche: a transmutação dos valores. São Paulo: Moderna, 1993.

NIETZSCHE, W. Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret; 2008.

NIETZSCHE, **Assim falou Zaratustra**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret; 2008.

A Gaia Ciência. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo. Companhia das letras, 2001.

Idem. **Ecce homo: de como cheguei a ser o que sou**. Trad. Pietro Nasstti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

Idem. **Schopenhauer Educador**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2006.

Idem. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

ROHDE; WAGNER; WITZ-MÖLLENDOS, Wilamo. **Nietzsche e a polêmica sobre o Nascimento da Tragédia**. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.